

Capítulo IV

Primeira comissão

Clementino Fraga

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

FRAGA, C. Primeira comissão. In: *Vida e Obra de Oswaldo Cruz* [online]. 2nd ed. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005, pp. 41-42. ISBN: 978-65-5708-099-3. <https://doi.org/10.7476/9786557080993.0008>.

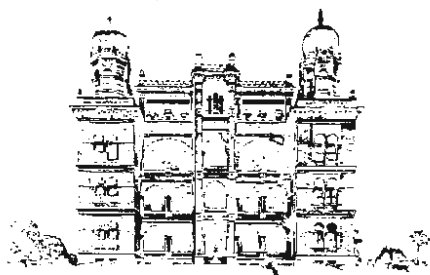


All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

PRIMEIRA COMISSÃO



EM FINS de 99 aparecem casos suspeitos de peste bubônica, em Santos. Designado pela Diretoria de Higiene, para apurar o fundamento da denúncia, o bacteriologista recém-chegado vai a Santos, e verifica a existência da moléstia importada por via marítima. À prova seus conhecimentos práticos de Bacteriologia, a presteza das pesquisas que confirmaram a peste por ocasião de sua entrada no Brasil, recomendaram sua capacidade, num momento em que raros iniciados ensaiavam na prática dos trabalhos de laboratório.

Receando a contaminação provável do Rio de Janeiro, o Barão de Pedro Afonso, diretor do Instituto Vacínico Municipal, obteve do Prefeito Cesário Alvim, a criação de um instituto de soroterapia antipestosa. Faltava o técnico especializado que foi pedido ao Instituto Pasteur, de Paris. Roux respondeu que o Brasil tinha em Osvaldo Cruz, há pouco egresso do Instituto, o técnico a indicar. Foi cedida a Fazenda Manguinhos, de propriedade municipal, e o Barão de Pedro Afonso que tinha sido colega de ano do Dr. Bento Gonçalves Cruz, lembrando esta circunstância, convidou Osvaldo Cruz, que aceitou o encargo.

A 23 de julho de 1900, depois de algumas peripécias acarretadas pelo temperamento autoritário do barão, foi oficialmente inaugurado o laboratório para a preparação de sôro antipestoso, pomposamente denominado Instituto Soroterápico Federal, que os bons fados permitiram fôsse a célula de origem do Instituto de Manguinhos, hoje Instituto Osvaldo Cruz.

Em fins de 1900, sôro e vacina, antipestosos eram já empregados na terapêutica e na profilaxia da peste. Paralelamente à produção especial veio o desenvolvi-

mento de trabalhos experimentais; sobrelevava, então, a capacidade do diretor, na educação técnica de seus auxiliares, ou fôsse o trato de aparelhos delicados com os colegas, ou o cuidado com os elementares serviços de lavagem de vidros, exercitando, com o exemplo, o trabalho de auxiliares mais humildes. Em pouco, os trabalhos chegaram ao conhecimento do meio médico; em busca do assunto de tese, os alunos dos últimos anos da Faculdade buscavam o recanto de Manguinhos. Desde logo alguns acudiram ao aceno da vocação, tornando-se discípulos da nova escola de medicina experimental.

Não terminaria o ano de 1902 sem que explodisse séria incompatibilidade entre o Barão de Pedro Afonso e Osvaldo Cruz, tendo como conseqüência a renúncia de ambos. Por essa época, o Instituto de Manguinhos já produzia quanto bastasse às necessidades de sôro e vacina contra a peste, que Roux considerou excelentes e Kolle e Otto, de Berlim, classificaram entre os mais eficazes.

Poucos dias passados sôbre a crise interna, Osvaldo Cruz voltava ao Instituto, como diretor único, consolidando de vez sua situação, dadas as credenciais de exceção que revelara, durante dois anos, na direção dos trabalhos experimentais.